

(Conferência realizada pelo Dr. Raul Gomes, no "Centro de Letras do Paraná, em homenagem à memória de Emiliano Pernetta).

Antigo discípulo de Emiliano Pernetta, amigo dedicado e incôndicional, admirador definitivo e profundo, consocio obscuro na criação desta casa, sinto-me feliz por esta possibilidade de falar sobre a sua irradiante personalidade, ora festejado como o poeta de Curitiba.

Embora me faltasse engenho e arte para o cometimento, concentrei-me no objetivo desta solenidade e aqui estou rogado vossa benevolência, minhas senhoras e meus senhores, para me ouvir atentamente esta exposição sobre o artista de ILUSAO SETEMBRO.

"Les morts vont vite" — diz o prólogo francês. Mas em relação ao cantor do IGUASSU, seus contemporâneos empreenderam a tarefa de desmentir o ditado gaulês. E por isso, para os paranaenses, sua memória se não evanesceu de pressa. Sua presença se nos torna cada vez mais viva através de sua poesia insuperável e das reminiscências de sua atividade polimórfica, com um conteúdo imperecível, ensinando-nos a conciliação entre a estética e a elegância e o devotamento à pulcritude do ideal da arte pela arte, da eterna beleza e da elevação espiritual.

Para evocarmo-lo, na espiral de sua evolução de uma existência plenamente vivida, trabalhando, a moda de Plutônio, sua própria estátua, cabe-nos uma referência a seu tempo, não pelo sortilégio da máquina de explorar como no romance de Wells, porém, pelo poder de suas lembranças biográficas e do depoimento sereno da história.

Nasceu Emiliano quando a guerra do Paraguai já durava mais de dois anos. Lacerdou-se-lhe a infância, embora num berço felicíssimo e amoroso, dentro no nervosismo daqueles trepidantes dias de beicicidade.

Até a tuba dos nossos poetas vibrou pelas nossas quebradas, convocando os moços para o voluntariado.

Marcar-se-iam os anos subsequentes de acontecimentos notáveis e subversivos da tranquilidade interna, vindos do vintém posterior à pacificação nacional. Agitavamo-nos para adotar novos rumos políticos e sociais.

Da terminação do conflito, saíram impopulares seus dois triunfadores: Pedro II e Caxias.

Aquele se senilizara, ferido de territorial enternidez consuntiva. Este encerrou sua carreira militar, depois de correr os louros imarcáveis das vitórias espetaculares da DEZEMBRADE e do feito imortal da Marcha do Flanco, com a debandada do resto das tropas de Solano Lopes, completamente desmoronadas, para a invasão serrana das Cordilheiras.

Cansado o Brasil de suportar a monarquia, denunciada pelo seu apelo ao escravismo, entrava de se exaltar de novo, arrebatado pela poesia heroica de Castro Alves e pela ação da mocidade acadêmica, empreendendo a campanha da abolição. Como sobre peso, explodiu nos ares, e rica com a percussão inabatível de uma bomba atômica, o celebre manifesto republicano de 1870.

Embora, de uma timidez incrível em face da lepra de escravidão, acenava com uma solução adequada para nossos maiores políticos.

E começaram a se arregimentar consideráveis forças propugnadoras das novas instituições.

Súbito se abre uma brecha na pasmecaria da rotina dos dois partidos que faziam o rodízio do poder, e aparece, exuberando de vitalidade e energia lutadora, uma entidade atrevida, a facção dos republicanos, a única de programa radicalmente oposto ao das agremiações antigas.

Assim se entrosam os dois ideais reformadores do Brasil: da extinção da chaga negra e da implantação da república.

Desde muito criança, sentia Emiliano o influxo rebelde dessa ambigüidade eternamente e convulsionalista.

Nas escolas, nas ruas e nos folguedos, estrugia o evangelho rebelião. E não tarda se lhe envolver nos esforços de propaganda dos dois movimentos.

Comparece a comícios, é ali emociona os ouvintes. Experimenta-se-lhe a pena em artigos de jornais.

Ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo. Ali se inflama ao calor da obra libertadora e republicana dos estudantes.

Sob as arcadas do centenário convenção de São Francisco, ressoa ainda o eco

EMILIANO - O HOMEM, O AGITADOR E — O ARTISTA —

das vozes candentes do Poeta do Navio Negreiro, da oratória nascente de Rui, do verbo helênico de Joaquim Nabuco, das lições inesquecíveis de José Bonifácio, o Moço, o ídolo da juventude de sua época.

Emiliano estremece de entusiasmo. E nas suas sucessivas férias nos rincões nativos, conspira em prol da libertação dos africanos, consumindo nissas sobras de sua mesada e até parte do acervo de sua herança paterna.

Participa de todas as reuniões em recinto fechado ou nas praças em favor da emancipação e da democracia.

Faz assim todo seu curso numa atmosfera altamente impregnada de agitação e vibração ideológica.

Tudo lhe ricocheta sobre a sensibilidade aturdidíssima. E empolga-se pelo trabalho tenaz para erradicação da ignominiosa escravocracia e de um trono contra o qual contávamos mais de trezentos anos de lutas crueldades.

Culmina-lhe essa formação psicológica e social de um rebelionismo intrípido, este episódio sintomático e significativo: Recebe o diploma de bacharel em São Paulo quasi à mesma hora da proclamação da república na sala nobre do Palácio da câmara municipal da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A esses traços como acentuados ao fragor de longas campanhas, acrescentem-lhe a irreligiosidade.

Depara-se-lhe, desde a juventude, como autêntica criatura do grande século XIX, o século de Deus da máquina, o século do surto espantoso da ciência, o século terrível e temido da mais insólita negatividade.

Ele mesmo, nos giza, num soneto de Músicas (1888), — VÁS REVOLTAS (pág. 150) a sua inquietação diante dos problemas insondáveis da eternidade e da fé:

Este pode, é feliz, se a cólera o domina,
Se a dor o punge e vence em doido de-
sespero,

Rebelar-se e gritar contra a força divina
De um deus que é onipotente e é horri-
vel e é fero.

Pode ironicamente erguer-se contra a si-
na,

Dizer que Deus é mau e é pior do que Ne-
ro,

Que Ele mais do que o rei teve a fome
canina

Dos horrendos painéis — o velho Deus

austero!

Mas eu contra quem posso arremessar a
queixa,

As minhas mágoas vãs, esta febre intran-
quila,

Agonia cruel, que há tanto não me deixa?

Contra quem? a não ser contra mim
mesmo, creio,

Contra este inútil ser, destrutível argila,

Até que volte ao pó, ao mesmo donde
veio?

Trazendo em si, o sangue de três ra-
gas tristes e crêdulas dos mistérios do
mundo natural e do sobrenatural, também
não se acha liberto totalmente da supersti-
ção e do terror divino.

Confessa-no-lo, trêmulo e a tormentado,
no seu MEDO DO INFINITO (pág.
171, MÚSICAS):

Sobre a montanha estava em certo dia.
Era quase a morrer do sol... desfrute,
Dos lados, aos meus olhos se estendia
A vastidão do lugubre horizonte.

Infinito aos meus pés, tremendo, eu via,
Infinito por sobre a minha fronte,
E a verdade a fugir-me à luz sombria,
A pavilosa luz do sol poente...

Súbito um medo veio-me... esmagado
Até quase à loucura deslumbrado,
Fico, imóvel, suspenso, afliito, afliito...

Que não há medo que enlouqueça tanto,
Como a indizível contornoção de espanto,
O extraordinário Medo do Infinito!

Instalada a república, arrastou-o o
turbilhão da política e das complicações
seguintes. É nomeado oficial de gabinete
do governo Estadual. E toca-lhe, com
mais alguns cidadãos, elaborar uma re-
forma do ensino.

Dura pouco sua estadia aqui. Em 1890,
está no Rio de Janeiro. Ali encontra-se
com Olavo Bilac de qual se verá dupla-

mente afastado, por ser florianista e pela
sua vigorosa participação da revolta es-
tética do simbolismo contra o parnasianismo
situacionista e poderoso.

Mergera na boemia da vasta geração literária da época. Participa, instigado pela sua sociabilidade, das estrofines da "jeunesse dorée carioca". Salienta-se-lhe o ardor nas noitadas irreverentes da mocidade. O Rio desvaira nos tentáculos irresistíveis do encilhamento. E Emiliano acompanha as loucuras da sociedade fácil de então, cheia de dinheiro, alucinada de entusiasmo.

Assistira, dêsse geito, à derrocada dos mais sólidos e intocáveis tabus da nossa comunhão social:

Extinguira-se a escravidão sumariamente, arrastando consigo a nossa arrogante aristocracia rural. Abalaria-se-nos o capitalismo incipiente, devido aos desmandos do inflacionismo. Despernhara-se o câmbio das alturas dos 28 para os desertos dos 5 dinheiros. Separara-se a igreja do estado, declarando-se leigo, êste.

Nenhum valor antigo resiste e sai in-
cômodo dêsse terremoto.

Impera o reinado do prazer. Mas per-
meio dele, o poeta não está satisfeito. Pas-
sa irrequieto e nervoso. E afoga suas má-
guas no álcool. Entra num período lutu-
ento. Aparenta um materialismo pavoroso. Fica em silêncio nos domínios da arte, como sofrendo uma gestação de mais de um lustro.

Registro aí apenas uma impressão co-
mos todos teriam ao estudá-lo nesses trans-
es. Em verdade, si da boca para for-
reconhevia os princípios daquelas correntes nihilistas, por dentro continua seu
drama, o drama da dúvida, o drama da
incerteza. E certamente, fervem-lhe no
imo as lavas ameaçadoras dum vulcão.

Incrementam-lhe a atividade arrasadora preocupações de sua consciência. Nut-
rem-na influências etnológicas das cren-
cias do africano, do religiosismo fanáti-
co do hispano e do feitizismo cósmico do
indio.

Afundara-se demasiado no horror da
geena de uma vida de dissipação, de vi-
cio, de descontrole.

Ficando gravíssimamente enfermo,
volta os olhares para os pagos distantes. E
a ele vem de torna viagem, abalado na
saúde, ferido em sua personalidade, pro-
fundamente combalido.

Numa de suas produções de SETEM-
BRO, quicá feita naquela época, denomi-
nada ULTIMA VOLÚPIA (pág. 92)
murmura emotivamente:

As vezes, junto a mim, uma pálida ima-
gem

Chega, e vendo-me triste, a lágrima a ful-
gir

Nos olhos, donde já voou tôda a coragem,
Faz o gesto de quem me mandasse par-
tir...

E eu de pronto obedeço a ordenação. Que
a espada

Corte e faça rolar, entre jogos florais,
Esta cabeça, pois. Nada me importa, nada.
Não me defenderei. Eu não combato mais.

Mas que não seja aqui, fora da natureza,
Que tenha de cair sob o golpe fatal;

Seria uma tristeza, infinita tristeza,
Acabar, como um clown, em pleno carna-
val!

Todos os animais, quando é chegada a ho-
ra

Suprema de partir para a estranha região,
Quer seja ao pôr do sol, quer ao romper
d'aurora,

Demandam, por instinto, o horror da so-
lidão...

Este, pelo sombrio e espesso vale anseia,
Aquele desprazando o caçador mendaz,
Ao galho seco atinge, e ao cérdo nu se al-
teia,

Onde possa dormir o último sono em paz.

Todos fogem. Ninguém, onde já foi um
forte

E soberbo animal, quer revelar apôs,
Na máscara senil e ferrenha da morte,

O espasmo de pavor e a hediondez feroz,
Enquanto a mim, conheço um simples lo-
garejo

Ermo, onde o sol de inverno é um vinho
de prazer,

E uma fina volúpia, e um exquisito beijo,
Longo beijo de amor, que faz adormecer...

Como seria bom, nesse ermo que procuro,

Ver o sono descer mais doce do que a luz,
Como se fosse um manto inconsútil e pu-
ro,
Caindo sobre mim, sobre os meus ombros
nus...

Eu sentiria, então, ao fundo do horizonte,
Fugir-me a vida, como uma vela sutil,
E um óculo pousar de leve em minha
fronte,

Ósculo virginal dessa manhã de Abril...

E morreria, assim, sem tremores de febre,
Sem assombro, nem dor, nem queixa, nem
pesar,
Como há tempos eu vi sucumbir uma le-
bre
Sobre esse feno, e aí nesse mesmo lugar !

Esse simples logarejo era-lhe a cidade-
natal, a sua, a nossa deliciosa e bem ama-
da Curitiba.

Por esse tempo não passava de uma
aldeia, sem calçamento, com luz apenas
recém-inaugurada, muita lama, muito sa-
po e muita casa de taipa e rótulas.

Mas nela, reinava paz. E esta formava
o anel suprímio do poeta, subjugado por
uma crise tremenda.

Voltando-lhe ao regaço carinhoso, es-
postejado, malferido, assolado de enfermi-
dade, ainda vencido pelo álcool, prognostica-
se-lhe um fim próximo.

Ao contrário, embora ainda atravessasse
alguns anos lúridos e crueis, opera-se-lhe
a recuperação progressiva até, nos fins
do primeiro lustro do século, emancipar-
se definitivamente de todas as suas fra-
quezas.

Vindo para aqui em 1896, só em 1898,
segundo a cronologia de Erasmo Piloto,
retoma o contacto com a literatura.

Até mais ou menos 1912, prossegue a
luta introspectiva do poeta.

Advinha-se-lhe o tormento. Fere-se
aí, com inusitada e terrível intensidade,
a medona batalha entre Deus e o Diabo,
entre o espiritualismo e o materialismo,
entre a dúvida e a afirmação.

Percebemo-lo sob as garras truculen-
tas de uma revolta e de uma indignação
vinda do fundo do seu ser.

Nesses instantes de aflição confessa :

Tantas vêzes, bem sei, e eu ouço, quan-
do ciso,

Meu coração bater depressa, não nego,
Mão invisível tem-me salvo, a mim, um
cego,

Roland como se rolasse num abismo.

Babilônias de horror, e montanhas de lo-
do,

E torres de Babel, sangrentas como lava,
Eu mais afoito do que um jovem deus,
mais doido,

Eu passei sem saber por onde é que pas-
sava...

Sorrindo pelo ar, miraculosa e a esmo,
Tudo pode abrandar, os ventos, e a má-
e mesmo,

Por um prodígio enfim que eu não ex-
plico, ateus!

... Dende veio essa mão nervosa, que
me arranca

Dos abismos do mal, a Mão ideal e bran-
ca,

A mim, que nem sequer mais acredito
em Deus ? ...

(Ilusão, 1911, pág. 18.)

Na CANÇÃO DO DIABO, uma das
jóias de sua arte decadista, o poeta des-
creve a tentação de Belzebuth e em seu
quarteto final conta :

"Olhei. Brilhava-lhe na fronte
A estrala de ouro da manhã.
Como num limpido horizonte :
Eu serei teu irmão, Satan ! (Ilusão, pg.
24.)

(Continua)